

A DECISÃO

Às dez horas Carlos estaria na praça. Ela levaria apenas o indispensável: dois ou três vestidos e roupa de baixo. Apanhariam um ônibus ou um trem, alguma coisa que os levasse para longe, onde ninguém os conhecesse e pudessem viver ignorados e felizes.

Conhecia Carlos há seis meses. Ele a levava muitas vezes ao cinema, e depois, iam à sorveteria e tomavam sorvete juntos. Ele gostava dela e ela gostava d'ele. Mas não se atrevia a falar nêlo à mãe, porque sabia que ela não consentiria no namôro. Dizia-lhe sempre que ainda era muito nova e arranjava uma porção de outras razões. Mas ela já tinha dezessete anos e não se achava tão nova assim. Por isso, combinaram manter tudo em segredo, até que Carlos arranjasse algum dinheiro e pudessem fugir.

Os irmãos pequenos já estavam na cama. A mãe, na cadeira de rodas, bordava, como fazia tôdas as noites até as nove horas, quando também se recolhia. Ficou com as pernas paralisadas depois da doença que a deixou de cama por vários meses. Isso abalou profundamente a família. Eram felizes até então, mas depois daquilo", o pai começou a beber muito e quase todos os dias chegava em casa bêbado e sem dinheiro. Arranjou outra mulher e terminou por deixar a família para viver com ela. Luiza, que era a filha mais velha, foi então trabalhar numa loja de armarinho para sustentar a mãe e os irmãos pequenos. A mãe também ganhava algum dinheiro com os bordados que fazia. Nunca mais tinham visto o pai e em casa raramente falavam d'ele.

Luiza fingia ler uma revista. De vez em quando, erguia os olhos para o relógio. Mais duas horas e seria a libertação. Deixaria a miséria para trás. Amanhã não teria mais que ir à loja, não suportaria mais as exigências das freguêsas enfadonhas. Seria vida nova. Não sabia para onde iriam, mas isso não era importante. O seu olhar pousou casualmente

sôbre a mãe. Na cadeira de rodas, com um cobertor sôbre as pernas mortas, ela continuava a bordar em silêncio. Luiza de-teve-se um pouco a olhá-la e perguntou-se intimamente: — Quem cuidará dela depois? E lembrou-se dos dois irmãos. A mãe inválida não podia ficar sôzinha e, os irmãos, ainda muito pequenos, pouco ou nada poderiam fazer. De onde viria o dinheiro para sustentar os três? Levantou-se, foi até ao quarto dos irmãos. Oos dois dormiam tranquilos. Olhou-os por algum tempo e começou a sentir-se confusa.

Sentia um terrível pêso esmagar-lhe o peito. O coração batia acelerado. Foi até à janela tomar um pouco de ar. A noite era calma, uma grande lua pairava no céu, soprava uma brisa muito suave. A filha da vizinha passeava na rua com o noivo. Por que ela não podia passear assim com Carlos? Por que o seu amor tinha que ser em segrêdo, como se fôsse um crime que cometessem? Olhou novamente para a mãe. Poderia ser feliz se fugisse? Não seria egoísmo pensar apenas em si própria e abandonar os irmãos e a mãe inválida?

Sentia a cabeça escaldar, o coração bater precipitado. Um suor frio brotava-lhe da testa. Tinha uma enorme vontade de chorar.

Nove horas. A mãe recolheu-se e pediu-lhe que a ajudasse a deitar. Se ela fugisse, quem a ajudaria depois a deitar e a levantar? Dentro de uma hora Carlos estaria na praça. Que faria? Era preciso resolver.

A mãe dormia. Um silêncio pesado envolvia a casa. Luiza colocou o pacote de roupa em cima da cama. O silêncio profundo pesava-lhe na alma. Sentia uma ânsia horrível, o coração querendo estourar. Seria direito o que ia fazer? Encontraria a felicidade que procurava? Teria direito a ela? Imóvel, olhava o pacote em cima da cama. Sentia o sangue afluir-lhe ao rosto numa onda de calor. A mãe dormia, os irmãos também. Se fugisse, como seria a vida dêles amanhã?

Dez horas. Carlos já devia estar na praça. Que faria? O tempo marchava incansável: segundos, minutos, horas... Era preciso resolver. Foi ao quarto da mãe. A velha dormia. Olhou alguns instantes aquêlo rosto vincado pela idade e pelo sofrimento. Um grande silêncio pesava sôbre o mundo. Os ir-

mãos dormiam tranquilos o sono dos inocentes. Voltou para o seu quarto. Duas grossas lágrimas rolaram-lhe pelas faces quando começou a desfazer o pacote. Repôs as roupas no guarda-roupa e deitou-se. Precisava acordar cedo amanhã e fazer o serviço da casa antes de ir para a loja.